

# Teoria marxista da dependência: problemas e categorias. Uma visão histórica

MATHIAS SEIBEL LUCE

São Paulo: Expressão Popular, 2018, 271p.

Maíra Machado Bichir\*

Em *Teoria marxista da dependência: problemas e categorias - uma visão histórica*, Mathias Seibel Luce apresenta o resultado de dez anos de investigação, dedicados à análise do pensamento de Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos. Referência no debate sobre a categoria de subimperialismo de Marini, que constituiu objeto de sua tese de doutorado, Luce amplia seu escopo de análise, debruçando-se sobre as categorias que conformam o núcleo central da teoria marxista da dependência (TMD), que são: a transferência de valor como intercâmbio desigual, cisão nas fases do ciclo do capital, superexploração da força de trabalho e dependência. Também busca precisar a contribuição original da TMD ao marxismo: revelar as leis tendenciais específicas ao capitalismo dependente.

Situado em um movimento maior, de recuperação e atualização da TMD na América Latina e, particularmente, no Brasil, que ganhou força nos últimos 15 anos, o livro está estruturado em quatro capítulos, os quais, embora guardem certa independência entre si, articulam-se a partir de fios condutores: a) a construção teórica de Ruy Mauro Marini em *Dialética da dependência*, que orienta a própria escolha das categorias a serem aprofundadas na obra, e b) a perspectiva

---

\* Professora de Ciência Política da Universidade Federal da Integração Latino-americana. E-mail: mairabichir@gmail.com

metodológica adotada e enunciada por Luce já na introdução da obra, a dialética negativa, fundamentada na compreensão de Mario Dal Pra acerca da dialética em Karl Marx. Luce desenvolve sua análise das tendências e contratendências que operam no capitalismo, evidenciando como as relações imperialistas e de dependência engendram transformações no modo como as contratendências atuam nas economias dependentes.

A análise de Luce é elaborada em permanente diálogo com a teoria do valor de Marx, no sentido de ressaltar aquele que parece ser um dos principais objetivos de sua obra: a relação orgânica entre a produção da TMD e a produção marxiana. Ao mesmo tempo que o autor busca explicitar a identidade entre ambos, ele não deixa de enfatizar a originalidade contida nas categorias forjadas no interior da TMD. As categorias transferência de valor como intercâmbio desigual, cisão nas fases do ciclo do capital e superexploração da força de trabalho, entendidas enquanto tendências estruturais das formações econômico-sociais dependentes e elaboradas à luz de uma análise social e politicamente referenciada na América Latina, não implicariam, segundo o autor, uma ruptura metodológica com a teoria de Marx. Elas representam, em vez disso, sua continuação.

No primeiro capítulo, Luce reconstitui o caminho percorrido por Marini para distinguir as modalidades de transferência de valor que têm lugar na economia mundial e se concentra em esmiuçar como a lei do valor é simultaneamente o intercâmbio de equivalentes e sua negação. Então, descreve as diferenças entre as transferências de valor nas economias centrais e nas economias dependentes, concentrando sua atenção nas últimas, cujas transferências predominantes têm sua origem na não identidade entre a magnitude do valor produzido e a do valor apropriado, configurando um intercâmbio desigual entre tais economias e as economias centrais. E é a essa transferência de valor e de mais-valia – que ocorre de maneira sistemática via preços no mercado internacional – das economias dependentes em direção às economias centrais que Luce, a partir de Marini, denomina como transferência de valor como intercâmbio desigual.

O autor recorre, em vários momentos, a dados estatísticos, apresentando figuras e tabelas que ajudam o/a leitor/a a vislumbrarem com maior clareza a historicidade e concretude das relações sociais consubstanciadas nas categorias estudadas. Com isso, contribui para a construção da TMD, elucidando os argumentos presentes nos escritos de Marini, Bambirra e dos Santos, e reivindicando a validade e atualidade das categorias centrais da TMD hoje. No segundo capítulo, por exemplo, em sua exposição a respeito da cisão entre a esfera alta e baixa do consumo nos países dependentes, Luce compara a difusão do automóvel e do televisor nos países centrais e nos países dependentes, afirmando que, nos primeiros, o tempo de existência suntuária desses bens de consumo são muito menores do que nos segundos, uma vez que, nos países dependentes, as duas esferas de consumo são cindidas ou dilaceradas, e a mais-valia relativa não se generaliza para o conjunto da economia e ramos da produção.

Ao longo de toda a obra, Luce está dialogando com seus pares do passado e do presente e convocando para o debate interlocutores/as marxistas latino-americano(a)s crítico(a)s a essa tradição de pensamento. Tendo em vista que umas das maiores controvérsias em relação à TMD, senão a maior, reside no conceito de superexploração da força de trabalho, Luce, no terceiro capítulo, dedica uma nota prévia à explanação sobre o que a superexploração da força de trabalho não é, na qual contesta algumas críticas e polemiza com autores cujas compreensões dessa categoria teriam sido equivocadas. Tal seção, ao lado daquela “O que a dependência não é”, que abre o capítulo subsequente, é bastante elucidativa a respeito da posição intelectual e política de Luce, colocando-se tanto como difusor quanto como parte integrante dessa corrente de pensamento. Além disso, nessas seções estão compiladas críticas tecidas desde a década de 1970 até os dias atuais, no bojo da recente recuperação dos escritos da TMD. Dessa forma, trata-se de uma contribuição importante no campo da História das Ideias e na captura das controvérsias e enfrentamentos que permearam tal debate.

Por fim, no último capítulo, intitulado “Dependência, revolução e transição”, Luce articula a categoria dependência, sistematizada pela TMD, à práxis de seus formuladores, sublinhando a concepção leninista de Bambirra e Marini e a defesa da revolução socialista, que orientou suas produções teóricas e suas militâncias políticas durante suas vidas. Entendida não apenas como arcabouço teórico, mas principalmente como práxis política, a TMD é revigorada mediante a construção coletiva nesses últimos anos e como corpo teórico vivo, em movimento, é tarefa das novas gerações avançar em sua edificação. Nesse sentido, reflexões acerca da divisão sexual e racial do trabalho nas formações sociais dependentes, o papel do racismo estrutural, do patriarcado e do colonialismo na conformação dos Estados dependentes latino-americanos são debates ainda tímidos e que merecem maior aprofundamento das novas gerações, devendo ser também estruturantes da categoria dependência. Outro aspecto que emana do livro de Luce, embora o próprio autor a ele não se dedique, diz respeito à hierarquização epistemológica dentro do próprio marxismo, a partir da qual o marxismo latino-americano é compreendido como um aporte lateral e não como veia orgânica do próprio marxismo. Nesse sentido, entende-se a TMD como uma produção marxista regional, particular, específica das formações sociais dependentes, sem contudo evidenciá-la como parte do arsenal marxista *lato sensu*. Com isso se expressa a tentativa de reduzir, desqualificar e anular a originalidade da produção teórica contida no arcabouço da TMD, indicando que tudo já estava em Marx e que não haveria nada de novo. Ou, em outra direção, que a TMD e, mais especificamente, Marini, teria se afastado da teoria marxiana do valor, negando-a. Seguramente não seria possível que Marini desenvolvesse sua concepção de superexploração da força de trabalho sem a produção de Marx; entretanto, ignorar ou negar a inovação presente em seu pensamento, e na TMD como um todo, reproduz nossa secundarização e marginalização em relação às demais produções.